

## A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS COM TDAH E TEA NA REDE DE ENSINO REGULAR DE ESCOLA PARTICULAR

Alexandra Francisca da Silveira Araújo<sup>1</sup>  
Anderson Douglas Pereira Rodrigues<sup>2</sup>

**RESUMO:** A afetividade no contexto das relações entre professores e alunos com TDAH e TEA tem papel relevante para o desenvolvimento da aprendizagem, observando-se resultados positivos em escolas regulares que entenderam as necessidades desses estudantes e promoveram o acolhimento e a inclusão com o intuito de construir saberes significativos para esse grupo. O objetivo central do trabalho é investigar e apontar as influências positivas da adoção de um ensino afetuoso e cuidadoso acerca do aprendizado, com o olhar voltado para as dificuldades das crianças com TDAH e TEA em sala de aula. As metodologias empregadas na realização desse estudo foram as pesquisas bibliográfica e qualitativa, na qual foi explorado o assunto para conhecê-lo e analisá-lo, visando a ampliação dos conhecimentos, a elaboração de hipóteses e respostas às perguntas a fim de chegar a uma conclusão final. Essa pesquisa foi produzida a partir do estudo em livros, revistas, sites de busca etc., além de intervenção em sala de aula e análise comportamental das crianças para, ao final, obter resultados claros e objetivos sobre o tema exposto, comprovando-se a real importância da relação entre a afetividade e aprendizagem e que ela realmente interfere positivamente no processo educacional escolar, quando empregada da maneira correta, de forma a facilitar a aquisição de conhecimento, auxiliando no desenvolvimento integral dos alunos com transtorno do neurodesenvolvimento que estão na rede regular de ensino.

**Palavras-chave:** Afetividade. Professor. Aluno. TDAH. TEA.

### 1. INTRODUÇÃO

Primeiramente, mister destacar que a psicologia ensina que afeto é a maneira individual de expressar emoções, paixões, sentimentos e tendências. A falta dele nas relações entre professores e alunos traz influências e problemas tanto no aprendizado, quanto no desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Nesse sentido, a afetividade é um elemento importante para a educação de crianças portadoras de TDAH e TEA, pois as tornam mais confiantes quando desenvolvem suas habilidades escolares e do dia a dia.

Destarte, os vínculos afetivos são naturais no desenvolvimento humano não somente no âmbito familiar, mas também no ambiente escolar. Estudos demonstram que quando existe essa conexão, os docentes alcançam de forma mais eficaz a autonomia e a

<sup>1</sup>Graduanda em Pedagogia na UNINASSAU.

<sup>2</sup>Mestre e Doutor em Educação Matemática e Tecnológica. Pedagogo, UNINASSAU.

determinação dos alunos com algum tipo de transtorno do neurodesenvolvimento, promovendo a formação de indivíduos mais autoconfiantes e, conseqüentemente, mais independentes nas suas tarefas escolares.

Sabe-se que os distúrbios do neurodesenvolvimento, na maioria dos casos, têm causas genética e hereditária, contudo, estudos científicos indicam que o diagnóstico de TDAH e TEA é realizado, principalmente, através da análise comportamental do indivíduo, o que reforça a importância do olhar atento e afetuoso do professor para cada aluno em sala de aula. Por meio dessa observação, o docente entende as necessidades, as dificuldades e as potencialidades de cada criança sobre sua responsabilidade, levando os registros suspeitos à coordenação, que deverá entrar em contato com a família para juntos encontrar o melhor caminho para desenvolvimento escolar e social desses discentes.

Assim sendo, trabalhar com afetividade significa acolher de maneira individual os alunos, estimulando e fortalecendo a independência de cada criança especial, buscando sempre a sua integração com o restante da turma, através de tarefas e práticas capazes de envolver todas elas em sala de aula, pois o desenvolvimento de uma pessoa não deve considerar apenas um dado biológico isolado, mas também, condutas aprendidas por meio de tarefas coordenadas.

506

Isto posto, o modelo adotado deve ser totalmente contrário ao tradicional e classificatório, que é focado na exposição verbal de conteúdo, onde a matéria é apresentada igualmente para os alunos. Indispensável se faz implementar um modelo coletivo e afetivo de ensino e aprendizagem para a evolução dos educandos, contudo, infelizmente, ainda são necessárias muitas melhorias nas instituições escolares, no sentido de identificar as potencialidades e as necessidades educacionais dos discentes especiais, oferecendo respostas educativas adequadas para cada carência.

Diante dessa nova forma de ensinar e aprender, a função do professor para o sucesso da aprendizagem é de extrema importância, pois, apesar de não substituir a família em seus laços emocionais, esse profissional deve prezar pela presença de um vínculo de amor e carinho de sua parte para com seus alunos, demonstrando prazer pelo ato de ensinar, planejando estratégias pedagógicas/educativas dinâmicas e criativas que contribuam para o ensino inclusivo.

A partir desse entendimento, o presente artigo tenciona responder aos seguintes questionamentos: De que forma a afetividade no contexto escolar auxilia na aprendizagem

de crianças com TDAH e TEA? Quais habilidades educacionais são mais desenvolvidas a partir de um ensino com olhar afetivo do docente? A inserção e a participação dos alunos especiais em sala de aula têm resultados positivos? O comportamento e a resposta aos comandos tiveram melhora?

Assim, visando encontrar as melhores respostas e soluções ao final do presente artigo científico, traçamos uma **hipótese**, pretendendo verificar se a adoção de uma prática afetiva (com um olhar mais afetivo, clínico e próximo à criança), auxilia melhor a identificação de alunos especiais, como também, se essa afetividade vem sendo empregada de maneira correta e quais os resultados positivos dessa vivência aplicada.

Justifica-se o tema escolhido, pelo fato de entendermos que ele faz diferença e proporciona grande contribuição para a educação de crianças com TDAH e TEA, sendo capaz de responder e solucionar o seguinte **problema**: “Como fortalecer as habilidades de aprendizado dos alunos com déficits de interação social e habilidades de comunicação para amenizar o impacto no desempenho escolar?”.

Para garantir maior robustez ao tema em estudo, escolhemos como **objetivo geral** deste artigo científico o desafio de identificar e compreender a relação afetiva entre professor e aluno e qual a sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem na educação de crianças com TDAH e TEA, para que as habilidades de aprendizado desses alunos sejam potencializadas positivamente no desempenho escolar deles.

Almejando reforçar o objetivo geral supramencionado, apontamos quatro **objetivos específicos** considerados para realização desse artigo, quais sejam: incluir crianças com TDAH e TEA na rede de ensino regular; identificar atrasos de aprendizado em alunos, por motivo de transtornos do neurodesenvolvimento; apresentar métodos e práticas de ensino e aprendizagem apoiados na afetividade; exibir os resultados dessas técnicas aplicadas em sala de aula, para a inclusão escolar dessas crianças.

Por fim, salientamos que o presente artigo foi realizado através de pesquisas bibliográfica e qualitativa, com o estudo de caso. Os instrumentos utilizados foram o estudo da doutrina em livros e sites, observação comportamental e intervenção em sala de aula, possibilitando uma melhor compreensão e resultado do assunto abordado. Ao final deverá ficar comprovado que não existe ensino com qualidade sem afeto pela profissão e principalmente pela criança com TDAH e TEA.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Contribuição do olhar afetuoso do professor na análise comportamental de seus alunos para identificação do TDAH e do TEA

Conforme já foi dito anteriormente, a afetividade representa um controle útil e necessário para o desenvolvimento da vida social e emocional de todo indivíduo, principalmente aquele que apresenta transtornos do neurodesenvolvimento. Para Vygotsky, a afetividade é elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, exercendo fundamental relevância no processo de ensino aprendizagem, no que diz respeito à motivação, avaliação, socialização e relação-professor e aluno.

No momento em que o professor manifesta afetividade no ambiente escolar e volta o seu olhar atencioso e interessado sobre os seus alunos, ele terá mais oportunidade de identificar os possíveis casos de TDAH e o TEA, assim como, outros tipos de problemas nos seus comportamentos. Além disso, ele ainda estabelece uma relação de confiança e respeito que colabora no desenvolvimento das crianças. Dessa forma, a maneira como o docente conduz essa relação de afetividade faz toda diferença no desenvolvimento de seus educandos.

Destaque-se que o processo de apreensão do conhecimento pelos alunos com TDAH e TEA não se diferencia dos demais educandos, contudo, as estratégias pedagógicas adotadas devem ser adaptadas para cada um deles, de acordo com suas particularidades, por isso ser tão importante a observação comportamental. O educador deve conhecer cada aluno e identificar suas habilidades e dificuldades como foco inicial e, a partir daí, transmitir confiança, usando sempre palavras de incentivo aos seus alunos, para que eles se sintam seguros, importantes e úteis.

Reforçando o tema, estudos baseados em evidências científicas, identificaram que a Análise do Comportamento Aplicado, em inglês denominada Applied Behavior Analysis (ABA), derivada do behaviorismo de Burrhus Frederic Skinner, possui eficácia comprovada.

A proposta básica da ABA resume-se em estimular comportamentos funcionais e fortalecer as habilidades existentes, além de modelar aquelas que ainda não foram desenvolvidas, a fim de que o aluno aprenda a interagir com a sociedade, estendendo esse entendimento a todos os ambientes em que a criança vive.

Portanto, uma interação satisfatória entre professor e aluno é condição essencial para

o bom desenvolvimento do trabalho pedagógico, sendo necessário conciliar conhecimento científico, formação do professor e afetividade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Logo, cabe ao educador, através da observação, da compreensão, da interpretação e do entendimento, identificar os alunos com sinais de TDAH e TEA, e planejar estratégias e metodologias para ajudá-los na realização das atividades propostas. Para isso, ele deve observar as características dos seus educandos, conhecer suas dificuldades e criar situações estimulantes de aprendizagem.

## 2.2 A afetividade e o combate ao bullying em sala de aula

O bullying pressupõe atos intencionais de violência física ou psicológica, praticados contra um indivíduo ou um grupo, gerando uma relação desigual. Ele ocorre especialmente no ambiente escolar, podendo gerar prejuízos significativos na vida de crianças que se tornam vítimas, sendo eles autistas ou hiperativos.

Infelizmente, crianças com TEA e TDAH podem ser alvo de bullying mais frequentemente devido às suas especificidades, tais como: dificuldades de socialização; interesses mais restritos; resistência em iniciar ou manter uma conversa que não seja do seu interesse; dificuldade de entender pistas sociais, piadas e metáforas etc. Assim, fato de serem ingênuos e muito sinceros, de apresentarem estereótipias e dificuldades em regular as emoções são fatores que os tornam mais suscetíveis a ofensas.

No caso de crianças portadoras de TDAH e TEA, o bullying merece um olhar ainda mais atento e rigoroso por parte dos professores e da comunidade escolar, levando em conta elas normalmente têm dificuldade para se expressarem e dificilmente relatarão o que está acontecendo ou como estão se sentindo.

As consequências dos atos de violência são crises mais intensas e frequentes, recusa em frequentar ambientes com demanda social, queda do aproveitamento nas terapias e na escola, distúrbios de sono e alimentares, medo excessivo, agravamento das estereótipias, comorbidades como ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, entre outros.

O impacto na autoestima, socialização, aprendizado, saúde mental, autonomia e qualidade de vida desses alunos pode ser devastador. Contudo, nem sempre é fácil identificar que uma criança com autismo e hiperatividade está sendo alvo do bullying, motivo pelo qual deve haver um vínculo afetivo estabelecido para que o aluno tenha “coragem” de levar o

problema ao conhecimento de seu professor, quando ele não percebe o que acontece em sala de aula.

Pais, educadores e profissionais da saúde devem ter um olhar afetivo e atento a possíveis mudanças no comportamento da criança especial. Além do acompanhamento psicológico junto à vítima do bullying, é preciso pensar em medidas de combate e prevenção a esses atos. Nesse sentido, as escolas devem estar dispostas a atuar na prevenção, tratando de assuntos relacionados ao respeito às diferenças, à empatia e ao acolhimento.

### **2.3 Métodos e práticas de ensino-aprendizagem apoiados em afetividade**

No momento atual, por diversos motivos, é muito difícil ser educador, sendo mais difícil ainda quando se tem presente, em sua sala de aula, alunos com TDAH e TEA que, por vezes, são responsáveis por um desequilíbrio no ambiente escolar, ocasionando no profissional um sentimento de frustração, por requerer maior atenção para concluir suas atividades, bem como, preconceito por parte de muitas crianças. Para amenizar esse tipo de sentimento e atitude, a escola e o professor devem proporcionar à comunidade escolar atividades de conscientização sobre o Autismo e o TDAH.

510

Crianças com TDAH e TEA estão cada vez mais frequentando as escolas regulares. Diante disso, é fundamental elas terem o benefício do convívio social com os colegas da mesma idade, aprendendo a lidar com regras, estrutura e os limites de uma educação organizada. A verdadeira inclusão escolar propicia que os alunos com necessidades especiais se envolvam nas atividades em sala para terem uma vivência de qualidade, desenvolvendo suas habilidades, e participando da rotina da escola. Assim, eles precisam fazer parte da turma, interagindo com os colegas e professores, além de compreender o conteúdo das aulas para se desenvolverem de acordo com suas limitações e particularidades.

Várias são as estratégias pedagógicas para ensinar alunos com TDAH e TEA. A partir da visão do professor sobre cada criança, ele pode adotar aos educandos com TDAH, por exemplo, aulas que utilizem estímulos audiovisuais, computadores e livros coloridos; incentivar a prática da repetição, passar uma instrução por vez, aplicar um reforço positivo (palavras de incentivo, estrelinhas no caderno etc.).

Relativamente a crianças com autismo, citamos algumas estratégias utilizadas para um melhor ensino e aprendizagem, visando também manter esse aluno em sala de aula: privilegiar

vínculos afetivos; utilizar linguagem objetiva; privilegiar as habilidades individuais; propor pequenas tarefas, mesmo que sejam diversas; incentivar sempre; propor atividades que estimulem o pensamento lógico; evitar atividades muito longas; utilizar jogos; explorar o cotidiano; propor atividades baseadas no interesse do aluno; utilizar o concreto e o lúdico, mesmo nos anos finais da Educação Básica.

Contudo, a utilização dessas estratégias depende de fatores como: adaptação do currículo escolar, reformulação do projeto político-pedagógico e formação continuada adequada a essas novas propostas, além, é claro, de estrutura física, de material e de recursos humanos, como determina a legislação educacional brasileira.

O professor jamais deve rotular a criança como incapacitada no seu processo de aprendizado, muito pelo contrário, precisa definir práticas e metas educacionais a serem alcançadas, estabelecendo critérios objetivos de avaliação. Quando o docente é capaz de enxergar os alunos especiais em sala de aula, encontrando a maneira correta de abordar o assunto ministrado e respeitando os seus limites, eles poderão vir a apresentar um desenvolvimento escolar satisfatório.

Importante destacar ainda, que a prática da avaliação não deve focar nos fracassos desses alunos ou comparar o desempenho deles ao de seus colegas, mas sim, nos seus acertos, promovendo o encorajamento verbal e a motivação, fazendo com que a criança receba elogios e oportunidades para desenvolver seus talentos e habilidades, pois cada um tem o seu tempo de aprender e esse tempo deve ser respeitado.

Outro aspecto essencial para uma práxis exitosa é a existência de uma real vocação, vontade, bem como, disponibilidade dos educadores no gostar de seus educandos especiais e de buscar por práticas educativa apropriadas. Em outras palavras, o querer bem ao seu alunado é não temer se expressar de forma afetiva, pois essa é uma característica própria do ser humano. Nessa linha de raciocínio, ao transmitir conhecimento, professor e aluno devem vivenciar a afetividade com cognoscibilidade.

Portanto, o importante é o educando se sentir feliz no ambiente escolar que frequenta. Partindo de um bom relacionamento com o professor e com seus amigos, o aluno com TDAH e TEA tem uma melhora em sua autoestima e um melhor rendimento em sua aprendizagem, pois se sente querido e confiante em suas atitudes e passa a ver o professor como um amigo com quem pode contar, interagindo e participando com melhor empenho nas atividades.

## 2.4 A afetividade e o desenvolvimento cognitivo dos educandos com TDAH e TEA

No campo educacional, a afetividade e o cognitivo andam interligados. A criança que está em processo de aprendizagem traz consigo três sujeitos: o afetivo, que se refere ao controle de suas emoções; o cognitivo, que se relaciona ao intelectual (memória, pensamentos, raciocínios); o social, que se refere ao meio em que a criança vive. Por intermédio da interação e da relação professor/aluno é que desenvolvemos a nossa aprendizagem. Então, a forma com que a criança aprende e desenvolve suas habilidades intelectuais e psicomotoras está diretamente relacionada com os estímulos que ela recebe de seus professores e do meio em que ela está inserida.

Através da observação de alunos portadores de TDAH e TEA, de uma escola particular do 5º ano do ensino fundamental I, constata-se que a afetividade é fator primordial no desenvolvimento da inteligência dessas crianças. Sem afeto a criança especial não desenvolve interesse, nem tampouco emoções e estímulos, sendo através dessa relação entre afeto e inteligência que elas desenvolvem as estruturas cognitivas. Podemos afirmar, também, que mediante a relação afetiva dessas crianças com o professor é que se constrói as estruturas cognitivas.

Frise-se que, para que ocorra a evolução pedagógica e cognitiva dessas crianças, elas precisam aprender como interagir com os demais, criando bases para atitudes e comportamentos apropriados, sempre respeitando o seu momento de vida, pois com cada aluno as ações pedagógicas devem ser diferentes. As ações devem ser feitas de maneira satisfatória para as duas partes envolvidas, quais sejam, os educandos e os educadores.

Piaget afirma que não se pode raciocinar sem vivenciar sentimentos e, que não existem afeições sem um mínimo de compreensão. Diante disso, constatamos que o desenvolvimento da afetividade na escola é de suma importância para o aprendizado dos alunos, pois serve para eles sentirem-se seguros, acreditando no potencial do professor, de forma a desenvolverem as atividades com segurança e determinação.

A afetividade não deve ser vista como uma forma de não cobrar de seus alunos, pois não pode magoar os mesmos quando têm algum comportamento errado, e sim, como uma forma de amizade e carinho que ambos têm entre si, com respeito e admiração. Logo, a colocação de limites é uma atitude de afeto e ajuda as crianças a se relacionarem melhor em seus grupos sociais. Assim, a afetividade deve ser voltada para a relação do professor em

relação ao seu alunado, de forma que o professor adote uma postura afetiva e positiva com este, exercendo sua autoridade, sem autoritarismos, mas com firmeza e controle do grupo.

O professor é a pessoa que os alunos nunca devem esquecer. Logo, o seu trabalho deve ser realizado de forma positiva, para que eles possam ter uma lembrança de felicidade de seus tempos de estudantes. Assim, o docente deve desenvolver seu trabalho da melhor maneira possível, realizando seu trabalho com respeito, carinho e dedicação com seus alunos para que o aprendizado não se torne algo maçante, o que pode atrapalhar o desenvolvimento deles.

Por conseguinte, para que o professor seja essa pessoa doce e carinhosa ele deve usar a afetividade em seus ensinamentos para tornar o aprendizado viável e inclusivo, adaptando sua didática às necessidades dos discentes com TDAH e TEA, objetivando obter o interesse e a atenção destes em aprender os conteúdos.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Natureza da pesquisa

O presente trabalho de conclusão do curso foi baseado a partir da realização de trabalho como apoio escolar realizado em uma escola particular de ensino fundamental, localizada no município de Recife/PE. Essa Instituição de Ensino tem como proposta despertar nos seus alunos o conhecimento, resgatando valores, propiciando a socialização a partir do oferecimento de informações que gerem conflitos cognitivos e, acima de tudo, acompanhar e respeitar o crescimento das crianças, a fim de formar cidadãos atuantes, críticos e criativos.

O grande diferencial da escola está na aceitação de alunos especiais em suas salas de ensino regular, sem fazer distinção entre suas crianças. Nesse sentido, percebe-se o respeito que toda equipe tem para com os alunos especiais, refletindo sobre todas as crianças o sentimento de incentivo e compreensão. Por este motivo, ela é bastante procurada por pais de alunos com TDAH e TEA, que contam com o apoio de profissionais dedicados e empenhados na inclusão desses alunos.

No tocante ao processo avaliativo, ele é realizado por meio de um processo sistemático de diagnóstico, de controle e de verificação do rendimento escolar, levando sempre e conta o aproveitamento e a assiduidade dos educandos. Mister ressaltar, que na avaliação do desenvolvimento cognitivo, ela é realizada através de parecer descritivo, ou seja, estabelecendo uma relação teórico/prática sobre as vivências, os avanços e as dificuldades, oferecendo subsídios para encaminhamentos, sugestões e possibilidades de intervenção para pais e

educadores.

### 3.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada através da observação de duas turmas de alunos do 5º ano do ensino fundamental I, anos iniciais, ambas com alunos portadores de TDAH e TEA. A escola é de porte médio, com boa infraestrutura, contendo quadras poliesportivas, sala de AEE, sala de maker, sala de dança, cantina, refeitório amplo com mesas coletivas e salas de aula espaçosas. Importante destacar que os alunos se sentam em grupos de quatro bancas cada, facilitando a convivência e a socialização entre os alunos, já que toda a semana existe a troca de lugares.

### 3.3 Sujeitos da pesquisa

A realização da pesquisa ocorreu durante meu trabalho como apoio escolar de crianças com TDAH e TEA, em escola particular, efetuado no turno da manhã, durante o período de um ano (entre Julho 2021 e Agosto de 2022). As atividades realizadas em duas salas de aula de ensino regular, contendo 23 alunos cada. Durante esse período foram desenvolvidos exercícios, práticas e observações com quatro crianças com média de idade de 10 anos, sendo uma menina e três meninos, existindo um menino com laudo de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), TEA e síndrome de Borderline, os demais com laudo de TDAH.

514

Observou-se que o aluno com TDAH, TEA e Síndrome de Borderline possui comportamento violento quando em crise, e, pelo menos duas vezes, agrediu professora, diretora e colegas de classe, além de quebrar objetos da escola, fazendo necessário sua contenção física. Tal acontecimento desestruturou momentaneamente o grupo, pois ele apresenta dificuldade de comunicação.

Os demais alunos com TDAH não possuem tanta dificuldade de comunicação e até socializam com os demais alunos, mas, muitas vezes, tiram a concentração dos demais por necessitarem estar em constante movimento. Em sua maioria são assíduos e pontuais, contudo, não são participativos e nem interessados, mostrando-se, na maioria, das vezes bastante agitados e desobedientes, não atendendo aos comandos das professoras.

Frise-se que todos os quatro alunos são alfabetizados, contudo, possuem dificuldade na leitura, principalmente de textos longos, não conseguindo, também, resolver questões de interpretação de texto. Com relação à matemática, nenhum dos quatro conseguem fazer as

quatro operações sem a ajuda da professora ou do apoio. Não conseguem memorizar a tabuada da multiplicação, por isso, sempre precisam do auxílio de uma tabela ou do material dourado.

Constatou-se que as atividades preferidas pelos alunos eram: cantar e dançar; jogos em grupos, a aula de educação física etc. O grupo é bastante falante, sabe dos acontecimentos do dia a dia, faz críticas e expõe suas ideias e incluem os alunos especiais nos debates, respeitando o momento de cada um. Os alunos conseguem realizar as atividades, porém, possuem alto nível de desatenção, necessitando do auxílio constante da professora ou do apoio pedagógico na realização de tarefas simples.

### **3.4 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos**

Durante o ano que estive na escola, tive a oportunidade de aplicar diversas atividades objetivando trabalhar o respeito a si próprio e ao próximo, reforçando sentimentos como: afeto, amor, amizade e empatia. Além disso, estimulava os alunos a refletir sobre sensações que envolvessem agressão física e verbal e as diferentes maneiras para expressar essas emoções e como lidar quando elas surgiam. Foi preciso batalhar na estruturação de combinações e regras.

No decorrer do trabalho foi preciso estabelecer um diálogo com os alunos de maneira que eles ouvissem e realizassem o que estava sendo proposto. Para isso, foi preciso uma série de regras, combinados e reforços, tudo visando iniciar um trabalho que atingisse os alunos de maneira significativa, para melhorar as relações afetivas entre eles como grupo, conseguindo aprimorar também a parte cognitiva.

Vale ressaltar que os alunos com necessidades educacionais especiais, muitas vezes recebem o estereótipo de que por causa da deficiência têm mais dificuldade em seus relacionamentos socioafetivos, bem como, no cumprimento de regras de convivência diária. Não obstante, tal pensamento não procede, pois o desenvolvimento comportamental e cognitivo ocorre para todos os sujeitos, tenham eles necessidades educacionais especiais ou não.

Pensando nisso, procurei desenvolver junto aos educandos a construção de atitudes de responsabilidade, respeito a regras de convivência, construção e desenvolvimento da autonomia, apropriação de atitudes de cooperação em diferentes situações cotidianas, a formação de vínculos afetivos, visando resgatar a autoestima dos alunos, promovendo a inclusão social e, conseqüentemente, a interação dos alunos com seu meio.

Assim, foram trabalhadas várias temáticas, com: a valorização de cada sujeito como

único, com suas individualidades; o respeito a si e ao próximo, ressaltando e refletindo sobre os bons sentimentos; a importância da higiene e dos cuidados com o corpo para a prevenção de doenças; a conscientização sobre a importância dos cuidados com o meio ambiente, uso racional da água, da energia elétrica, bem como, da separação do lixo (reciclagem), a fim de aproximar e estimular a reflexão das crianças sobre esses temas.

Dessa forma, propicie atividades com os alunos especiais onde eles pudessem realizar sozinhos as práticas pedagógicas, sem necessitar da minha ajuda constante, a fim de desenvolver mais a autonomia de cada um, sempre respeitando seus ritmos e individualidades. Destaco aqui algumas atividades na quais os alunos demonstraram grande autonomia: a participação em projeto de ciências, a conversação sobre o meio ambiente nas demais turmas da escola, as brincadeiras e os jogos na aula de educação física. Cumpre destacar, que as brincadeiras fornecem uma organização para o início das relações emocionais e ainda propicia o descobrimento dos contatos sociais.

Por fim, durante esta trajetória, procurei consolidar os conhecimentos dos alunos, utilizando recursos para aprendizagem. Sempre no começo da aula, procurava contar histórias, fazendo da leitura uma prática social, articulada à prática da interação oral e da interpretação de texto. Nas diversas atividades propiciadas aos alunos, trabalhei com poemas que desencadearam outros trabalhos de aprendizagem. Explorei a leitura de contos e fábulas, brincadeira de mímica, encenação de peça de teatro, experimentações, modelagem, temas transversais etc., tudo isso envolvendo leitura e escrita, objetivando desenvolver relações afetivas importantes para a formação da subjetividade de indivíduos respeitosos.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS**

##### **4.1 Afetividade e cognição. Necessidade de novos modelos de ensino e aprendizagem.**

O presente artigo científico teve como principal intuito estudar como a utilização do afeto no processo ensino e aprendizagem na educação de alunos especiais (portadores de TEA e TDAH) interfere, na prática, na aquisição do conhecimento por esses alunos, bem como, na inclusão deles no ambiente escolar.

Os estudos, as pesquisas bibliográficas e as observações realizadas para a elaboração deste artigo científico revelam que os dados obtidos tiveram resultados positivos, tendo em vista que percebemos que a introdução da afetividade no ambiente escolar é um tema

defendido e aplicado por vários autores, pensadores e, também, professores, pois ela auxilia a aprendizagem de alunos com TDAH e TEA na medida em que desperta nessas crianças os sentimentos de segurança, de autoestima, de autocontrole e de independência sobre o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Segundo entende o professor, escritor e advogado Gabriel Chalita: “Educar é um ato de coragem e afeto”. O mencionado autor diz que ensinar é um ato de afeto, porque considera o educar uma atitude de amor ao próximo e a si mesmo, pois quem educa não apenas ensina, mas também, aprende permanentemente. Então, o mestre e o aprendiz crescem reciprocamente quando trocam conhecimentos, vivências e experiências pessoais.

Nesse sentido, a escola é o local de convivência entre todas as diversidades humanas que existem e o papel da afetividade é preponderante em suas atividades, pois segundo MATTOS, 2008, p.5: “A afetividade é o caminho para incluir qualquer educando no ambiente escolar. É a mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos desenvolvidos em sala de aula, na busca da inclusão de qualquer educando na escola.”

Os alunos especiais, observados durante todo o processo de pesquisa e análise, foram beneficiados quando os seus professores abandonaram o antigo método de ensino e escolheram adotar uma forma moderna e humana de educação, considerando cada aluno em suas particularidades, realidades e potencialidades. Com isso, percebe-se que várias habilidades foram desenvolvidas, o que antes não ocorria. Elas perderam o medo de ler em sala de aula e com isso desenvolveram mais a leitura, também aceitaram mais participar de trabalhos e apresentações em grupos, além de haver uma melhora comportamental e redução de crises, obedecendo mais aos comandos das professoras.

Ao final, constatou-se que, para o sucesso da aprendizagem, faz-se necessário haver uma interação entre a criança e o meio em que ela está inserida, bem como, o olhar sensível do docente sobre a individualidade de cada uma delas, seus interesses e suas carências, o que implica a crescente necessidade de haver uma transformação no processo educativo para que o educador possa encontrar formas de se aproximar cada vez mais de suas crianças, principalmente as especiais, para que essas sejam cada vez mais inseridas no contexto da sala de aula.

Desse modo, toda instituição de ensino possui importante função na preparação de seu currículo, planejando atividades que estabeleçam concepções afetivas e cognitivas do trabalho pedagógico, objetivando principalmente o progresso do ensino aprendizagem e a inserção

social dos alunos estudados e observados, ou seja, crianças com idade de 10 anos de duas turmas do quinto ano do ensino fundamental, com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e transtorno do espectro autista.

#### 4.2 A afetividade na prática docente – Relevância e Essencialidade

No campo do ensino aprendizagem, os estudos mostram que o papel do professor não é somente o de transmitir conhecimento, muito pelo contrário, ele vai muito além, pois também consiste em despertar em seus alunos valores e respeito ao próximo. Ademais, o olhar apurado do educador auxilia na identificação de alunos especiais, devendo estar presente durante a abordagem da instituição de ensino com a família sobre um tema tão delicado e, por vezes, não aceito pelos pais, que insistem em ter uma visão negativista e, com isso, retardam o início do tratamento das crianças.

Dessa forma, para o êxito do trabalho do professor, a utilização do afeto nas interações ocorridas no ambiente escolar é muito importante, principalmente entre docente e aluno especial, por criar vínculo e despertar nele interesse e empenho nas atividades propostas, já que a criança não quer descontentar seu mestre e nem quebrar a ligação que existe entre eles. Contudo, o emprego da afetividade pelo docente exige muito estudo para ser corretamente aplicada em sala de aula, utilizando de atividades e práticas condizentes com a necessidade de cada aluno especial. Felizmente, as escolas que adotam esse processo de ensino e aprendizagem vêm investindo cada vez mais em capacitação de seus professores, para que os mesmos possam ter sucesso em seu trabalho.

Apesar desse estímulo e dessa cooperação que se verifica por parte dos alunos especiais nas tarefas propostas por seu professor, que desenvolveu uma conexão afetiva com eles, não se deve esquecer que o ambiente escolar deve ser motivador e estimulador para todos os alunos em sala, para que as crianças com TEA e TDAH possam conviver e aprender com os demais colegas em um ambiente saudável, que favoreça o aprender com prazer e satisfação, e não como uma imposição ou obrigação.

Mantoan, 2015 afirma que “É preciso repensar a escola de qualidade, superando o sistema tradicional de ensinar”. Nesse sentido, é preciso refletir no que se ensina e como se ensina, para formar pessoas éticos e humanas, que valorizam a diferença na convivência com seus pares, gerando um clima socioafetivo, sem tensões e competições, mas com espírito solidário e participativo.

Observou-se, portanto, que quando se trabalha em sala de aula com o fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno, ocorre o encorajamento e a melhora do rendimento escolar, bem como, o melhor desenvolvimento nas atividades sugeridas. Sendo assim é notório, o quanto é importante trabalhar a afetividade na sala de aula, pois, dessa forma, valores são integrados e conciliados, do mesmo modo que sentimentos como tolerância e respeito por si e pelo próximo são aflorados.

Logo, diante do estudo sobre o presente tema, ficou notório que a responsabilidade do professor perante a educação de crianças especiais é indiscutível. Ele tem papel relevante na formação intelectual e no desenvolvimento social de alunos com transtorno do neurodesenvolvimento. Diante disso, percebe-se que a relação dentro de uma sala de aula entre professor e alunos deve ser tranquila, onde os alunos encontram no educador o mediador não só conhecimento, mas também das relações coletivas, para que assim os alunos consigam aprender os conteúdos trabalhados em sala de aula e a conviver em sociedade.

O acima exposto vem confirmar a teoria de Henry Wallon, que explica a formação da pessoa em seus aspectos integrados (afetivo, motor e cognitivo), contrária à compreensão do humano de forma fragmentada. Para esse autor, a afetividade é vista em diferentes aspectos e estágios, seja através das características sociais de cada idade: orgânicas, orais e morais; ou através das condições de maturação do ser humano: emoções, sentimentos e paixão.

Dessa foram, o processo de ensino aprendizagem deve promover as habilidades que assegurem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança com TEA e TDAH, onde o professor deverá criar condições para o desenvolvimento do pensamento desse aluno, estimulando, na medida do possível, sua autonomia e independência. Não podemos esquecer que os alunos com TDAH e Tea necessitam de terapias integradas, tais como: fonoaudiólogo, neurologista, psicóloga, terapeuta ocupacional etc., cabendo a escola se integrar no contexto do trabalho desempenhado por esses profissionais. O processo de ensino e aprendizagem é o instrumento principal para o docente, mas deve atuar conjuntamente com esses especialistas, sendo a afetividade um facilitador do domínio da compreensão entre todos.

Por essa razão, o educador precisa sempre estar atento às reações de seus alunos na sala de aula, principalmente entre os especiais e não especiais, para impedir que aconteçam atitudes inadequadas e violentas que afetem negativamente a autoestima da criança com TEA e TDAH. É neste instante que o docente tem que atuar, acolhendo e buscando meios de compreender a situação, para resolver o problema da forma mais acertada, trabalhando com a

individualidade de cada um envolvido no conflito.

Pertinente destacar o entendimento de Rodrigues quando diz que: “Uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular”. (RODRIGUES, 1976, p.174). Saliente-se, ainda, que a aprendizagem é um processo extenso e dinâmico, e ocorre através da ação do sujeito sobre o objeto, e, nesse contexto a mediação é condição fundamental para o processo ensino aprendizagem, e esse mediar também deve conter traços afetivos.

Diante do todas as reflexões amplamente fundamentadas até o momento, percebe-se que a afetividade está envolvida em todos os aspectos educacionais assumidos pelo professor, constituindo-se fator essencial na aprendizagem, assim, todas as relações entre aluno e conteúdo mediadas por uma relação afetiva são muito mais produtivas. A valorização das emoções e das vivências são indispensáveis para a autoestima e o autoconhecimento das crianças especiais e, têm por finalidade fazer com que elas vivam melhor. Trabalhando a afetividade no ambiente escolar se prepara a criança para enxergar o mundo de outra forma, atribuindo valores a si e o respeito ao próximo.

#### **4.3 A Afetividade e o Desenvolvimento Cognitivo – Elo Indissociável e Indispensável para o Aprendizado.**

Conforme amplamente debatido, para o desenvolvimento da aprendizagem, a afetividade e o desenvolvimento cognitivo devem estar interligados, pois, o educando carrega consigo três sujeitos: o afetivo, que é o controle de suas emoções; o cognitivo, que se relaciona ao seu intelecto, ou seja, memória, pensamentos e raciocínio; e o social, que se refere ao ambiente em que a criança vive.

Consequentemente, principalmente quando observamos o ensino aprendizagem de crianças com TDAH e TEA, percebemos que a afetividade influencia muito na evolução de seus conhecimentos, e que a cognição pode oferecer para essas crianças várias formas de interatividade, de comunicação e convívio com os demais do grupo escolar e familiar. Ora, sabemos que é através da interação e da relação do professor e aluno, que alcançamos nosso processo de ensino/aprendizagem. Assim, a forma com que a criança especial adquire o conhecimento e desenvolve suas habilidades intelectuais e psicomotoras relaciona-se com os estímulos que recebe de seus mestres e o meio em que está inserida na sociedade.

Mister ressaltar, ao conversar com professores e acompanhar a conduta e a evolução

dos alunos especiais em sala de aula, que o afeto é fator primordial no desenvolvimento da inteligência, por tornar essas crianças mais confiantes e autônomas mesmo diante de suas limitações. Essas relações afetivas necessariamente não precisam ser somente com o contato corporal, o beijo, o abraço, mas, a depender da idade da criança ela pode exigir o afeto mais cognitivo, em nível de linguagem, como palavras de incentivo ou elogios. Por conseguinte, sem afeto não visualizamos nessas crianças interesses, emoções e estímulos. Somente através dessa relação entre afeto e inteligência que elas desenvolvem as estruturas cognitivas.

Mediante as pesquisas e análises realizadas, podemos levar em consideração que a afetividade tem que ter seu estudo aprofundado pelo professor e pelas instituições de ensino, buscando compreender toda a sua complexidade sobre afeto para ter melhor resultados no seu contexto escolar e na sala de aula e entender que essas relações socioemocionais podem trazer mais segurança para o desempenho de suas atividades.

Os resultados desta pesquisa abordam que muitos professores já utilizam a afetividade para ministrar suas aulas e que ela está presente no ambiente escolar de muitas escolas, contudo ainda há necessidade de maior compreensão e amplitude sobre o afeto na educação. A construção de vínculos afetivos tem aspectos fundamentais nas práticas pedagógicas, visando o respeito para as dificuldades de cada criança, sendo essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem delas.

521

Sendo assim devemos deixar claro que o professor não faz o papel da família, e tem que saber diferenciar sentimento e emoções para que consiga ter coerência na sua rotina escolar. O professor tem que ser racional e saber que tem o apoio de informações e teorias para utilizar na sua análise reflexiva e para ser um docente reflexivo, ele deve construir seus conhecimentos a partir de investigações sobre sua prática, suas metodologias e sua relação com os alunos, atuando de forma inteligente e flexível.

#### **4.4 Interpretação dos resultados**

Por meio da análise das informações obtidas durante a elaboração do presente artigo científico, percebe-se que as pesquisas realizadas nos livros, bem como, na observação e na convivência no âmbito escolar, que professores e autores acreditam na importância da afetividade para o processo ensino aprendizagem de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. Por isso, faz-se necessário incorporar a afetividade nas relações pessoais que envolvem o processo de ensino e aprendizagem.

Chega-se à conclusão de que, quando não existe afeto na relação entre professor e aluno especial, o desenvolvimento da aprendizagem não logrará o resultado almejado podendo, inclusive, ocorrer o aparecimento de problemas de adaptação, de comportamento e/ou cognição. ALMEIDA, 2012, p, 53 defende que as emoções, uma das formas de afetividade, são verdadeiras síndromes de cólera, medo, tristeza, alegria, timidez, e devem ser observadas e trabalhadas em sala de aula. Já a afetividade tem sentido abrangente, evoluindo ao longo da psicogênese, uma vez que incorpora as conquistas realizadas no plano da inteligência de cada ser humano.

Portanto, todos os educadores devem compreender e praticar a afetividade em sala de aula, tendo em vista que ela contribui para o desenvolvimento dos alunos com TDAH e TEA. Dessa forma eles devem buscar diariamente novos conhecimentos para acrescentar em suas práticas e em suas metodologias. Inquestionavelmente, essas novas técnicas, envolvendo o afeto, favorecem positivamente o desenvolvimento de cada criança especial em processo de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o estudo realizado, de todas as práticas aplicadas e de todas as observações em sala de aula, concluímos que a escola, como provedora de acesso de todos para a aprendizagem (a nível cognitivo e afetivo), precisa repensar como se dá esse processo entre seus alunos especiais.

Necessário uma sala de aula, onde o professor entenda a diversidade, tanto em relação às dificuldades de aprendizagem, como também a diversidade comportamental. Dessa forma, analisou-se que a escola está cumprindo seu papel com estratégias que permitam a integração dos alunos de forma mais autônoma, porém ainda há mudanças necessárias para a emancipação dos alunos com necessidades especiais, principalmente com a participação da família.

Ficou evidente que o acolhimento, por parte do educador e de todos os envolvidos no ambiente escolar, é responsável por produzir a segurança, a autoestima, a empatia etc. Por essa razão, faz-se importante o reconhecimento das diferentes linguagens, na forma de se comunicar, de ensinar e de aprender, entendendo as capacidades das crianças especiais e criando ambiente propício para uma aprendizagem significativa.

Não somente o professor, mas também toda a escola (porteiro, coordenação, direção

etc.) são peças fundamentais para o engajamento da verdadeira inclusão de alunos com TDAH e TEA: que respeita, que observa, que escuta, que age prudentemente, que cria empatia, consequentemente, segurança, autoestima e prazer em aprender. Logo, é imprescindível sair da inércia diante das perspectivas de mudanças que precisam ocorrer no ambiente escolar, perceber e romper as barreiras atitudinais que prejudicam a participação social da pessoa com transtorno do neurodesenvolvimento.

Importante se abrir a mente para novos aprendizados, ler, discutir, fazer e descobrir que existem possibilidades para o ensino e aprendizagem das crianças especiais, fazendo uma inclusão de qualidade. Acreditamos, portanto, ser a afetividade um dos caminhos para a inclusão e para a cidadania. A importância da cognição e da afetividade no processo educativo.

É um desafio que se torna maior quando lidamos com a pessoa com TEA e TDAH. O diferencial são as metodologias, os recursos pedagógicos e os jogos utilizados para tornar a aprendizagem significativa e prazerosa.

Outro fator que cabe ser destacado é a importância da formação inicial e continuada do professor, por ser constante reflexão sobre sua práxis e a busca pelo aperfeiçoamento do ensino e aprendizagem de diferentes saberes e conhecimentos de forma integrada, para formar cidadãos criativos e capazes de dialogar com as diferenças. Assim, os desafios de uma concepção educativa contemporânea, baseiam-se em não moldar as pessoas em modelos opressivos ou matemáticos dominantes.

Portanto, a inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino não consiste apenas na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas representa a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades através do olhar afetivo do professor, que enxerga essas crianças especiais em suas potencialidades.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Gabriela. **Afetividade**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/psicologia/afetividade.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

CHALITA, Gabriel. Educação: a Solução Está no Afeto. 19ª edição. Editora Gente, 2001.

DÍAZ, Félix. Educação Inclusiva, Deficiência e Contexto Social: Questões Contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCENA, Maria da Conceição. **A Importância da Afetividade na Educação Inclusiva**. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/coabrnteudo/artigos/educacao/a->

importancia-da-afetividade-na-educacao-inclusiva/33608> Acesso em: 02 abr. 2022.

MARTINS, João C. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: reconhecer e desvendar o mundo. Série Ideias - **Os desafios encontrados no cotidiano escolar**. São Paulo: Ática, 1993.

NEUROSABER. **Quais os Principais Transtornos do Neurodesenvolvimento?** Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/quais-os-principais-transtornos-de-neurodesenvolvimento/>> Acesso em: 03 mar. 2022.

OLIVEIRA; REGO. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

OSTI, Andréia; TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 204-220, out./dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/198053146575>. Acesso em: 03 mar.2022.

SILVA, Erivania Guedes da. **A Afetividade na Prática Pedagógica e na Formação Docente**. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-afetividade-na-pratica-pedagogica-na-formacao-docente.htm>> Acesso em 10 mar. 2022.

SOUZA, Cirlei Evangelista Silva; MELO, Geovana Ferreira. **Formação Inicial de Professores – Práticas Pedagógicas, Inclusão Educacional e Diversidade**. Jundiaí. Paco Editorial, 2018.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2000

WALLON, H. (1959). **O papel do outro na consciência do eu**. In: NADELBRULFERT, J.; WEREBE, M. J. G. (orgs.). Henri Wallon. São Paulo: Ática, 1986.

WALLON, H. (1934). **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.